

Marcílio enfrenta o descrédito

O novo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, enfrenta o País mergulhado numa onda de descrédito difícil de ser superada a curto prazo. A frustração é generalizada e data desde o início dos anos 80. Mas é maior na classe média, a mais atingida pela alta do custo de vida no período iniciado em março do ano passado. O Índice do Custo de Vida da Classe Média (ICVM), levantado pela Ordem dos Economistas na capital paulista mostra bem isso: em março último por exemplo, foi de 8,17 por cento contra os 7,48 por cento do IPC da FIPE e os 6,60 por cento do IPC da FGV (o IGP/FGV de março registrou alta de 7,25 por cento).

Os empresários estão igualmente insatisfeitos. E não é para menos. Desde que o presidente Fernando Collor assumiu, a produção vem caindo, aumentando a ociosidade das máquinas, equipamentos e linhas de produção. Segundo o IBGE, a produção da indústria brasileira acumulou queda de 12 por cento desde fevereiro do ano passado, em relação a idêntico mês do ano em curso. Naquele mês a taxa de desemprego aberto chegava aos 5,41 por cento. No mês seguinte chegava aos 5,89 por cento.

No País todo temos hoje mais de um milhão de desempregados (sem contar os que são ambulantes). Os trabalhadores, além disso, ainda têm a reclamar pelo fato do poder aquisitivo vir caindo sempre mais. O salário real médio do trabalhador brasileiro sofreu redução de 35 por cento até fevereiro último, segundo o mesmo IBGE. Mas o fundo do poço da estagnação econômica parece já ter sido atingido no decorrer do primeiro trimestre e começa a ser superado. As informações estatísticas estão revelando uma leve recuperação, que poderá se confirmar em todos os

setores da economia dentro de poucas semanas.

Os agentes econômicos ainda vivenciam o trauma do que foi o primeiro trimestre, no qual a atividade industrial caiu em 15,1 por cento. Mas o mês de março marca uma retomada que pode significar o fim da desaceleração: cresceram as atividades de 13 dos 16 setores pesquisados pelo IBGE, como materiais plásticos (21,2 por cento) e material de transporte (14,9 por cento). O Ipea calcula que o PIB tenha caído 5,9 por cento nos últimos 12 meses, taxa anualizada em março (no mesmo mês do ano passado a taxa foi de 4,6 por cento).

O cenário econômico que o ministro Marcílio Marques Moreira encontra já começa a se delinear menos negativo. A recessão já não se aprofunda mais. Pelo menos não tanto quanto no decorrer de novembro de 1990 até fevereiro último. No segundo trimestre a produção industrial deverá cair somente 2,84 por cento, sendo que no semestre a produção terá caído alguma coisa entre 8,6 e 12,1 por cento. Esta retração já é o resultado oficial de um importante segmento da indústria, a eletroeletrônica, que chegou ao fundo do poço e entrou em fase de recuperação.

As vendas de eletroeletrônicos começam a voltar aos níveis considerados de normalidade. Mesmo assim as vendas caíram cinco por cento no quadrimestre janeiro/abril deste ano. A produção de outros setores começa também a crescer: em abril último a Sadia produziu 30 por cento mais que no mesmo mês do ano passado, e a média da Fiesp para abril é de um crescimento de cinco por cento em relação a março. A Lorenzetti, por exemplo, já não trabalha com ociosidade, fato idêntico ao observado em indústrias de papel e papelão ondulado para embalagens.